

A Bandeja de Prata

Que fazer perante a morte — neste caso, a morte de um velho pai? Quando se é uma pessoa moderna, com sessenta anos de idade, e um homem bem vivido, como Woody Selbst, que fazer, de facto? Pensemos, por exemplo, no luto, e consideremo-lo no contexto da vida contemporânea. Que luto fazer, num contexto contemporâneo, por um pai octogenário, quase cego, com o coração dilatado e os pulmões cheios de líquido, que se arrasta, vacila, e exala o cheiro, de bolor ou de gases, que se exala dos velhos? *Vejam bem!* Como dizia Woody, sejamos realistas. Pensemos nos tempos que correm. Podemos vê-lo todos os dias, nos jornais: os reféns do voo da Lufthansa descrevem como o piloto, em Áden, se pôs de joelhos diante dos sequestradores palestinos, suplicando que não o executassem, e como aqueles nem por isso deixaram de lhe dar um tiro na cabeça. Mais tarde, cairiam, também eles, ceifados pelas balas. E há outros ainda que disparam contra outros, ou disparam sobre si próprios. É o que vemos na imprensa, o que vemos no metro, aquilo de que as pessoas falam à mesa. Sabemos hoje o que se passa todos os dias no conjunto da comunidade humana — uma espécie de movimento peristáltico mortal e global.

Woody, um homem de negócios do Chicago Sul, não era uma pessoa ignorante. Conhecia mais formas verbais do que seria de esperar dos lábios de um empreiteiro de ladrilhos (para escritórios, átrios, casas de banho). Os seus conhecimentos não eram do tipo dos que um título académico proporciona. Apesar de Woody ter passado dois anos num seminário a estudar para ministro eclesiástico. Dois anos de es-

tudos durante a Grande Depressão eram muito mais do que a maioria dos jovens que terminavam o secundário podiam permitir-se. A seguir, à sua maneira vigorosa, pitoresca e original (Morris, o seu velho, fora também, nos seus dias naturais, vigoroso e pitoresco), Woody fizera leituras sobre temas muito variados, assinara a *Science* e outras revistas que forneciam informações consistentes, e inscrevera-se, na DePaul e Northwestern, em cursos de ecologia, criminologia e existencialismo. Também viajara muito pelo Japão, México e África, e era precisamente uma das suas experiências africanas que se tornava especialmente significativa, agora que estava de luto. Fora assim: a bordo de uma lancha, nas proximidades das cataratas de Murchison, no Uganda, vira como um crocodilo caçava uma cria de búfalo nas margens do Nilo Branco. De um lado e de outro, nas margens do rio tropical, havia girafas, hipopótamos e babuínos, além de flamingos e de outras aves notáveis que cruzavam o céu límpido no calor da manhã, no momento em que a cria, que se aproximara do rio para beber, fora apanhada pelo casco e arrastada para o fundo. Os pais búfalos não podiam imaginar uma coisa assim. Debaixo de água, a cria continuava a contorcer-se, a lutar, revolvendo o lodo. Woody, robusto viajante, presenciou a cena enquanto navegava nas águas do rio, e foi para ele como se os pais da cria se perguntassem emudecidos o que se passara. Preferiu interpretar aquilo como uma expressão de dor, de dor dos animais. Ali, no Nilo Branco, Woody teve a impressão de ter regressado ao passado dos seres humanos, e levou consigo as suas reflexões ao voltar para sua casa, em Chicago Sul. Trouxe também consigo um pacote de haxixe de Kampala. O que o fizera correr o risco de ter problemas com os guardas da alfândega, talvez por confiar na sua constituição vigorosa, no seu rosto franco e na sua tez corada. Não tinha ar de delinquente, de mau tipo: tinha boa cara. Mas gostava de arriscar. O risco era um estímulo esplêndido. Atirou a gabardina para cima do balcão da alfândega. Se os funcionários lhe revistassem os bolsos, estava disposto a dizer que a gabardina não era dele. Mas escapou a ter de fazê-lo, e pôde assim, no Dia de Acção de Graças, rechear o peru com haxixe. Com grande sucesso. Foi essa praticamente a última festa a que assistiria o seu velho, que, como ele, gostava também de riscos e desafios. O haxixe que Woody tentara depois cultivar no pátio das traseiras, servindo-se das sementes africanas, não

pegou. Mas tinha ainda, atrás do armazém, onde guardava o seu *Lincoln Continental*, uma pequena plantação de marijuana. Woody era completamente inofensivo, mas não gostava de respeitar completamente a lei. Tratava-se de uma simples questão de auto-estima.

A partir daquela festa de Ação de Graças, o Velho foi definhando pouco a pouco, como se houvesse nele uma fenda que o esvaziasse lentamente. O que se prolongou por vários anos. Entrava e saía do hospital, minguava, o seu espírito divagava, não era já capaz de concentração suficiente para se queixar, excepto em certos momentos particulares durante os domingos que Woody regularmente lhe dedicava. Morris, um amador que uma vez pudera passar deveras pelo próprio Willie Hope, pelo grande homem em pessoa, deixara de ser capaz da mais simples tacada de bilhar. Tudo o que podia ainda era imaginar os lances, e começou a inventar teorias sobre combinações impossíveis às três tabelas. Halina, a polaca com a qual Morris vivera durante mais de quarenta anos, estava demasiado velha para acudir ao hospital. Era, portanto, Woody quem tinha de o fazer. A sua mãe, cristã conversa, também precisava de assistência — tinha mais de oitenta anos e era hospitalizada com frequência. Dir-se-ia que todas estas pessoas tinham diabetes, pleurisia, artrite, cataratas e *pacemakers*. E tinham, todas elas, vivido graças aos seus corpos, mas estes começavam agora a falhar.

Havia igualmente as irmãs de Woody, cinquentonas, muito cristãs, muito dignas, que continuavam a viver em casa da Mãezinha, num bangalô inteiramente cristão. Woody, que assumia todas as responsabilidades pelas três, tinha, de tempos a tempos, de pôr uma das irmãs (que se tinham tornado raparigas doentes) num estabelecimento psiquiátrico. Não eram casos graves. As suas irmãs eram duas mulheres maravilhosas, e, no seu tempo, tinham sido lindas, mas nenhuma delas estava na posse plena das suas faculdades.

E ele tinha de manter as diferentes facções separadas umas das outras: a Mãe, cristã conversa; as irmãs, fundamentalistas; o Velho, que lia, quanto lho permitia a vista, um jornal ídiche; Halina, boa católica. Woody, a uma distância de quarenta anos do seminário, declarava-se agnóstico. O Pai não tinha mais religião do que poderia haver no jornal ídiche, mas obrigou Woody a prometer-lhe que o enterraria entre judeus, no lugar onde jazia agora, com a havaiana

que Woody lhe comprara num congresso profissional em Honolulu. Woody não podia permitir que fosse um empregado da agência funerária a vesti-lo, e interveio, portanto, para lhe abotoar pessoalmente a camisa, com a qual o velho foi enterrado, com um ar de Ben Gurion, num simples caixão de madeira, que em breve apodreceria, decerto. Como Woody queria que fosse. Ao chegar ao lugar da sepultura, despiu e dobrou o casaco, arregaçou as mangas da camisa descobrindo os bíceps grossos e salpicados de sardas, mandou embora com um gesto o pequeno tractor que ali parara à espera, pegou na pá e tratou de tudo sozinho. O seu rosto grande, que se dilatava à medida que se aproximava do queixo, estreitava-se de baixo para cima, à maneira de uma casa holandesa. E Woody, com os pequenos dentes saudáveis do maxilar inferior arrepanhando-lhe o lábio superior num esgar esforçado, cumpriu o seu último dever filial. Estava em forma, pelo que deve ter sido a emoção, e não o peso da pá, a avermelhar-lhe tanto o rosto. Depois do funeral, voltou para casa com Halina e o filho dela, um polaco decente como a sua mãe, e além disso dotado — Mitosh tocava órgão no estádio por ocasião das partidas de hóquei e basquetebol, o que exigia inteligência, uma vez que era um trabalho que consistia em mobilizar a claqué —, e ele e Mitosh tomaram umas bebidas enquanto consolavam a velha. Halina era uma mulher às direitas, e sempre apoiara Morris.

Durante o resto da semana, manteve-se atarefado, tratando de muitas coisas, responsabilidades no escritório, responsabilidades familiares. Vivia sozinho — tal como a mulher, e tal como a amante: cada um deles no seu lugar. Uma vez que a mulher, ao fim de quinze anos desde a separação, não aprendera a cuidar de si própria, Woody fazia-lhe as compras todas as sextas-feiras, e enchia-lhe o frigorífico. Nessa semana, tinha de a levar a comprar sapatos. Além disso, passava sempre a noite de sexta-feira com Helen — Helen era, de facto, a sua mulher. Aos sábados, fazia as suas compras para toda a semana. Estava por isso demasiado ocupado para prestar aos seus sentimentos mais do que uma atenção intermitente, dizendo para consigo por um momento: “É a primeira quinta-feira que ele passa enterrado.” “É a primeira sexta-feira, e o tempo está bom.” “É o primeiro sábado, e ele deve começar a habituar-se.” E, uma vez por outra, suspirava: “Oh, Pai...”

Mas foi o domingo que o atingiu em cheio, quando os sinos começaram a tocar por toda a Chicago Sul: os sinos das igrejas ucraniana, católica romana, grega, russa, metodista africana, uns atrás dos outros. Woody tinha o seu escritório no armazém, e construía nele um apartamento para si, espaçoso e confortável, no piso de cima. Como costumava sair todos os domingos às sete da manhã para passar o dia com o Velho, esquecera como eram numerosas as igrejas que rodeavam a Companhia de Ladrilhos Selbst. Estava ainda na cama quando ouviu repicar os sinos, e foi então que, de súbito, se deu conta da desolação que sentia. Aquela tristeza tão brusca e tão forte num homem de sessenta anos, um homem prático, com os pés bem assentes na terra, são de espírito, com experiência da vida, era profundamente desagradável. Quando se sentia mal, Woody considerava que o melhor era tomar alguma coisa. Por isso, pensou: “Que hei-de eu tomar?” Dispunha de muitos recursos à mão. Tinha a adega cheia de caixotes de whisky escocês, de vodka polaco, de Armagnac, de vinho do Mosela e da Borgonha. Tinha também uma arca congeladora cheia de bifes, caça e caranguejos do Alasca. Comprava sempre grandes quantidades de provisões: aos caixotes e às dúzias. Mas, por fim, quando se levantou da cama, a única coisa que tomou foi uma chávena de café. Enquanto a água aquecia, vestiu o fato de judo e sentou-se a pensar.

Woody gostava de coisas *honestas*. As vigas eram honestas; os pilares de cimento à vista nos prédios de apartamentos eram honestos. Parecia-lhe mal esconder as coisas. Odiava fingir. A pedra era honesta. O metal era honesto. Aqueles sinos do domingo eram muito correctos. Tinham começado a tocar, agitavam-se e balouçavam, e as suas vibrações e o seu som tinham-lhe feito bem: limpavam-no por dentro, purificavam-lhe o sangue. Um sino era uma garganta de sentido único, tinha apenas uma coisa a dizer e dizia-a sem mais. Ficou a ouvi-los.

Os sinos e as igrejas tinham alguma coisa que ver com ele. Afinal de contas, Woody era, até certo ponto, cristão. Nascera judeu, e tinha cara de judeu, com um laivo de iroquês ou de *cherokee*, mas a mãe convertera-se havia mais de cinquenta anos graças a um cunhado, o reverendo doutor Kovner. E este, estudioso das escrituras hebraicas que deixara o Hebrew Union College de Cincinnati para se tornar